
Abordagem Centrada na Pessoa: Uma Compreensão do Aconselhamento Psicológico (Counselling)

Eliane Gusmão Ribeiro

UAL - Universidade Autónoma de Lisboa.

Tito Laneiro

UAL - Universidade Autónoma de Lisboa.

Resumo: A reflexão sobre os temas inicia-se com uma breve apresentação biográfica dos autores, Carl Rogers e João Hipólito. Assim, a proposta deste artigo é uma análise reflexiva sobre as temáticas abordadas dos respectivos capítulos de cada livro evidenciados acima e ressaltar aspectos relevantes das obras de cada autor, bem como, as contribuições para o desenvolvimento e aplicabilidade da Abordagem Centrada no Cliente. Ambos os capítulos apresentam o percurso evolutivo da teoria de Carl Rogers. Ressaltando os contributos atuais do ilustre João Hipólito para a expansão do pensamento Rogeriano.

Palavras-Chave: Carl Rogers. João Hipólito. Abordagem Centrada no Cliente.

Person-Centered Approach: An Understanding of Counseling

Abstract: The reflection on the themes begins with a brief biographical presentation of the authors, Carl Rogers and João Hipólito. Thus, the purpose of this article is a reflective analysis of the topics addressed in the respective chapters of each book highlighted above and highlights relevant aspects of each author's works, as well as the contributions to the development and applicability of the Customer Centered Approach. Both chapters present the evolutionary course of Carl Rogers theory. Highlighting the current contributions of the illustrious João Hipólito to the expansion of Rogerian thought.

Keywords: Carl Rogers, João Hipólito, Client Centered Approach.

Introdução

Os primeiros escritos dos métodos e técnicas da Abordagem Centrada no Cliente surgiram em 1940, à proposta era mostrava abertura ao novo método em terapia, inicialmente rotulado de *counselling*- não diretivo, que logo rendeu a publicação do livro *counselling and psychotherapy: Never concepts in practice*, o livro apresenta os princípios práticos utilizados na área do *counselling*, possíveis de aplicação em várias atividades individuais e em grupos. Então, segue o desenvolvimento da Terapia Centrada no Cliente e o *counselling* passa de um método par uma abordagem das relações humanas. Graças à acumulação de material de casos gravados na íntegra, que contribuíram significativamente para o alargamento de todos os construtos teóricos relacionado à Terapia Centrada no Cliente (Rogers, 2003). Carl Rogers foi um dos grandes revolucionários no mundo das ciências humanas, considerado como um influente psicoterapeuta do século XX apresentou uma psicologia em sua função na prática em diferentes contextos: psicoterapêutica, formativa, pedagógica, centrada no indivíduo e também em grupos, diferente de outras abordagens pensadas de formas mais específicas (Hipólito, 2011).

Dentro desta perspectiva de crescimento da Abordagem Centrada no Cliente, cabe referir aos contributos mais atuais do Professor Doutor João Hipólito, que trouxe para Portugal e para a língua portuguesa a expansão do pensamento Rogeriano, um legado de mais de 40 anos aplicando-se aos estudos e desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa. Em seu capítulo apresentado neste artigo, o autor apresenta uma proposta inovadora e esquematizada da teoria do desenvolvimento psicoafetivo da personalidade de Rogers, um rico instrumento de investigação e compreensão do indivíduo dentro da perspectiva humanista (Hipólito, 2011).

Desta forma, o artigo propõe uma reflexão dos dois capítulos acima referidos dos autores Rogers e Hipólito, na perspectiva de compreender o processo de construção do modelo teórico sobre

a teoria da Personalidade na vertente da Abordagem Centrada no Cliente. Deste modo, iniciou-se com a apresentação das biografias dos autores e seguindo das reflexões sobre os respectivos capítulos, recorrendo separadamente sobre cada um e suas respectivas contribuições na compreensão dos temas: “*Uma Teoria da Personalidade e da Conduta*”- Rogers, C. (2003) e “*Desenvolvimento Psico-Afetivo - Implicações Psicopatológicas*”- Hipólito, J. (2011).

Enquadramento Teórico

*Carl Ransom Rogers*¹

Carl Ransom Rogers nasceu em 08 de janeiro de 1902, em Oak Park- Chicago e faleceu na Califórnia em 04 de fevereiro de 1987 aos 85 anos. Filho de pais religiosos, que valorizava a educação moral e religiosa tradicional. Em 1919, matriculou-se em Agronomia na Universidade Wisconsin, onde desenvolveu várias atividades comunitárias como facilitador e organizador, posteriormente envolveram-se com meios evangélicos militantes, o que levou a mudar para o curso de História e dedicou-se então, a carreira eclesiástica. No terceiro ano da faculdade participou de um congresso na china, onde acabou por mudar suas concepções religiosas, abrindo-se as diversificações de ideias e opiniões, tornando-se mais independente e autônomo em relação à família (Hipólito, 2011).

Em 1924, Rogers concluiu licenciatura em História e casou-se com Hellen Elliot, com quem teve 02 filhos (David e Nathalie). Após a licenciatura matriculou-se no seminário da União Teológica e frequentou alguns cursos na Faculdade de Psicologia onde teve contato com os psicólogos Watson (1971) e Kilpatrick (1951), com os quais organizaram um seminário de reflexão autofacilitado que por hora, incentivou sua vocação pastoral. Frequentou psicologia clínica e pedagogia no Teachers College da Universidade de Columbia. Em 1926, postulou e obteve um lugar e ‘interno’ no Instituto de Aconselhamento Infantil. Em 1928, concluiu o

¹ Texto escrito com base nas obras de Kirschenbaum, H. & Henderson, V. (Eds). (1990); Rogers, C.

(1971); Peretti, A. (1997), citado por Hipólito, 2011, pp. 24 -33.

doutorado no Teachers College, desenvolveu sua tese em estudos voltados a personalidades para crianças, que ainda é utilizado até os dias de hoje. Neste mesmo ano trabalhou como psicólogo no Centro de Observação e Orientação Infantil da Sociedade para a Prevenção sobre as Crianças, em Rochester (Hipólito, 2011).

Em 1929, passou a dirigir esse centro por 12 anos, dedicando aos trabalhos com crianças delinquentes e marginalizadas. Em 1935, começou a lecionar no Teachers College, mas sentiu que seu trabalho tanto como professor ou psicólogo não foram reconhecidos pela instituição. Em 1938, conseguiu ser reconhecido como Diretor do no Centro de 'Guidance' de Rochester. Em 1939, publicou seu primeiro livro, *O tratamento Clínico da criança-Problema*, com a publicação deste livro passou a ser reconhecido como Psicólogo Clínico e, foi convidado pela Universidade de Ohio para o posto de Professor Catedrático, sob sua responsabilidade a unidade curricular Técnicas de Psicoterapia e Psicoterapia e Aconselhamento, tendo a oportunidade de explicar sua abordagem com sedo as 'novas terapias', em oposição as 'antigas', inovando assim, a prática da psicoterapia e supervisão, com metodologias no processo de investigação terapêutica, através de gravação integral das entrevistas e de tratamentos completos (Hipólito, 2011).

Em 1940, realizou uma conferência na universidade de Minnesota, a qual intitulou de *Novos Conceitos em psicoterapia*, Rogers defendia que a terapia não era apenas resolver um problema pontual, e sim, ajudar o indivíduo a crescer, de maneira que saiba lidar com futuros problemas. Assim, a relação terapêutica é considerada uma experiência de crescimento. Assim, a data da conferência 11 de dezembro de 1940 ficou nomeada por Rogers como o dia em que nasceu a Terapia Centrada no Cliente, uma data marcada pelo movimento Rogeriano. Em 1942, Rogers preparou uma exposição mais detalhada e sistemática de sua abordagem o que levou a publicar o livro *Counsellig and Psychotherapy* um *Best-seller*, uma obra inovadora contendo, contendo pela primeira vez um tratamento integral a partir de suas gravações. Em seguida Rogers foi eleito a vice-presidente da Associação Americana de Ortopsiquiatria e

presidente da Associação Americana de Psicologia Aplicada. Em 1944 foi convidado por Ralph Tyler para lecionar psicologia na Universidade de Chicago e lhe foi proposto criar um novo Centro de Aconselhamento (Hipólito, 2011).

Durante os anos de 1945 a 1957, Rogers passa por momentos de glórias tanto do ponto de vista humano como no campo científico, que rendeu a publicação do livro *Terapia centrada no Cliente*. Já entre 1949 e 1951 Rogers atravessou u período de depressão, após ter vivido momentos de dificuldades no decorrer do processo psicoterapêutico com uma paciente esquizofrênica, o que diminuiu significativamente sua capacidade para o trabalho, e aceitou fazer psicoterapia pessoal com um de seus discípulos Ollie Bown, assim pode experimentar nele mesmo o seu modelo terapêutico.

Em 1956, sue reconhecimento profissional evidenciou com a eleição da presidência da recém-criada Academia de Psicoterapeutas e pela atribuição do prêmio pelo Eminente contributo Científico pela Associação Americana de Psicologia. Em 1957 foi publicado um dos seus principais artigos sobre *As Condições Necessárias e Suficientes para Mudança Terapêutica da Personalidade* um artigo que representa um dos pilares da Terapia Centrada no Cliente. Então, Rogers começa a ser bem popular pelos seus trabalhos e passa a ser convidado por várias Universidades para lecionar tais como UCLA, Harvard, Berkley, Brandeis e Wisconsin, nesta última ele se instalou por sete anos e juntamente com sua equipe desenvolveram pesquisas na área da psicoterapia com esquizofrênicos, cujos resultados renderam o livro *A Relação Terapêutica e o seu Impacto* (Hipólito, 2011).

Em 1961, publicou o livro *Torna-se Pessoa*, evidentemente outro *best-seller* explanando a aplicação dos princípios da Terapia Centrada no Cliente e outros domínios das questões humanas como educação, relações interpessoais, familiares, comunicação grupal e criatividade. Rogers apresenta sua abordagem como uma filosofia de vida, como uma maneira de ser, ou um jeito de ser. Em 1964, após alguns conflitos em Wisconsin, Rogers renuncia seus trabalhos

com a instituição e aceita o convite do *Western Behavioral Sciences Institute* criado por um de seus alunos de Wisconsin, Richard Farson e pelo físico Paul Lloyd. Onde passou a investir mais com os grupos de encontros. Em 1966, Rogers fez uma participação como facilitador de uma sessão de grupo de encontro em um filme *Journey into Self*, dirigido por Bill McGam que obteve o Oscar de melhor documentário. O filme mostra um exemplo concreto da teoria e as práticas descritas posteriormente em seu livro *Grupos de Encontro* publicado em 1970, voltado tanto para leigos quanto para profissionais e foi rapidamente aceito como obra de consulta obrigatória para os especialistas nas áreas de intervenção em grupo (Hipólito, 2011).

Em 1971, com a colaboração de seu filho David e Orienne Strode, desenvolveram o *Human Dimension Project* propondo a utilização de grupos de encontros na educação média e na relação médico-doente. Nesta época Rogers voltou sua atenção para os estudos no campo da educação, propondo uma pedagogia centrada no aluno, de uma maneira experiencial, com muitos aspectos em comum com a Pedagogia de Paulo Freire. A pedagogia experimental rendeu diversos trabalhos de pesquisas descritos em dois grandes livros: *Liberdade para Aprender* publicado em 1969, e *Liberdade para Aprender nos Anos 80*, publicado em 1983. Aos 70 anos Carl Rogers foi o primeiro psicólogo americano a receber os dois maiores galardões da Associação Americana de Psicologia, pelo seu contributo científico e profissional. A partir de 1972, Rogers dedicou-se aos estudos de grupos de encontro nas áreas social e política, atuando como facilitador explorando as possibilidades de maturação e criatividade dos grupos, atuou como facilitador de grupos católicos e protestantes na Irlanda, em seguida facilitou grupos de encontros inter-raciais na África do Sul e Brasil durante a ditadura militar e na Rússia de ‘Gorbachov’. Com isso, suas reflexões sobre intervenção social e política deram-se origem ao livro *Sobre o poder Pessoal*, no qual Rogers apresenta não só seu modelo de Abordagem Centrada na Pessoa, mas, sua filosofia de intervenção não só no campo da

psicoterapia, mas também uma abordagem que é eficaz em todas as áreas humanas. Rogers facilitou um *Workshop* na Áustria para mais de 50 líderes internacionais, embaixadores e grandes líderes políticos e diplomatas, seu objetivo era trabalhar as relações grupais, empenhando-se no esforço pela paz. O que levou em 1987 a indicação ao prêmio Nobel da Paz, mas, infelizmente a morte chegou antes (Hipólito, 2011).

João Hipólito²

“João Hipólito concluiu o Doutorado em Medicina em 1976 pela Universidade de Genebra, Doutorado em Psicologia em 2014 pela Universidade do Algarve, Licenciatura em Medicina e Cirurgia em 1969 pela Faculdade de Medicina de Lourenço Marques, Diploma Federal Suíço de Medicina em 1980 pela Universidade de Genebra. Psiquiatra, Pedopsiquiatra, Psicoterapeuta (OM & FMH). Foi responsável do Sector I do Serviço Médico-pedagógico de Genebra (1973 a 1975), Médico-chefe da Clínica Hospitalar do Centro Psicossocial do Cantão de Friburgo (1975 a 1980) e do Hospital Psiquiátrico do Sector Norte do Cantão de Vaud (CH) (1980-1983)” (Ciência Vitae, 2019).

“É Professor Catedrático na Universidade Autónoma de Lisboa, Departamento de Psicologia, Presidente do Centro de Investigação em Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa. Membro do Conselho Científico da Universidade Autónoma e Presidente do Conselho Pedagógico da mesma Universidade. Publicou 60 artigos em revistas especializadas. Possui 10 capítulos de livros e 03 livros. Participou em 110 eventos. Orientou 08 teses(s) de doutoramento e coorientou 08. Orientou 07 dissertações de mestrado e coorientou 01. Recebeu 02 prémio(s) e/ou homenagens. Participa e/ou participou como Investigador em 03 projetos e Investigador responsável em 02 projetos” (Ciência Vitae, 2019).

“Atua nas áreas de Ciências Médicas e da Saúde com ênfase em Medicina Clínica, Ciências

² Texto retirado da página de Apresentação de Curriculum Vitae - João Hipólito, Ciência Vitae. Cienciavitae.pt. 2019. www.cienciavitae.pt.

Sociais com ênfase em Psicologia e Ciências da Educação. Nas suas atividades profissionais interagiu com 106 colaboradores em coautorias de trabalhos científicos. Os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Stresse pós-traumático; Cuidador-cuidado; Paradigma sistêmico; Civilidade; Aconselhamento Psicológico; Terapia Centrada no Cliente; Toxicodependência; Aprendizagem Experiencial; Fenomenologia; Psicoterapia, Abordagem Centrada na Pessoa, Psicologia Clínica e da Saúde, Empowerment, Psiquiatria Social; Psicodrama e Relaxamento. É Membro Fundador da APPCPC - Associação Portuguesa de Psicoterapia Centrada na Pessoa e *Counselling*; Psicoterapeuta Formador e Diretor da Formação em *Counselling* e Psicoterapia e precursor do desenvolvimento da Abordagem Centrada no Cliente em Portugal” (Ciência Vitae, 2019).

*Uma Teoria da Personalidade e da conduta
(Carl Rogers)³*

Este capítulo reúne considerações teóricas acerca da terapia e dos seus efeitos sobre a personalidade. Considerando que a construção de um modelo teórico sobre a teoria da personalidade recebeu influências de grandes teóricos ao longo dos tempos, cada um com suas contribuições significativas, evidentemente influenciadas pelas suas experiências profissionais.

As formulações provisórias da Abordagem Centrada no Cliente percorreram um longo caminho por mais de dez anos, através do contato com problemas clínicos, tendo por base a maneira de pensar e sentir da outra pessoa, e gradativamente foi adaptando os resultados da experiência clínica e investigações em construtos teóricos. Para a construção da teoria levantou-se um série de proposições, propondo explicar os fenômenos anteriormente conhecidos e os fatos relativos à personalidade e ao comportamento observado em terapia.

Uma Breve Síntese Reflexiva das Proposições

I) “*Todo o indivíduo existe num mundo de experiência, em permanente mudança, do qual é o centro*” (Rogers, 2003, p. 487).

Esse mundo de experiência é designado de *campo fenomenal* ou *campo experiencial*, nele inclui tudo que é experimentado pelo organismo, tanto as experiências aprendidas pela consciência ou não, ou seja, a consciência auxilia na simbolização de algumas experiências. No entanto, neste *mundo interior da experiência individual* somente uma parte, a mais reduzida é *conscientemente* experimentada, pois, muitas das nossas sensações sensoriais e viscerais não são simbolizadas. Mas, a outra parte está *disponível* à consciência e pode tornar-se consciente se despertado no indivíduo o interesse, porém, existem outras experiências que o indivíduo *impede* de emergir na consciência. Esse mundo de experiência só pode ser acessado pelo indivíduo, ele é o único que pode saber como a experiência é percebida, ele é subjetivo.

II) “*O organismo reage ao campo perceptivo tal como este é experimentado e percebido. Este campo é, para o indivíduo, ‘realidade’*” (Rogers, 2003, p. 488).

É um campo consciente em nossa própria experiência, porém não prestamos atenção. Cada indivíduo percebe e responde de acordo com as informações de realidade vivenciada. O que difere de uma pessoa para outra, ou seja, cada um reage à realidade conforme é percebido no seu campo experiencial. Assim, a realidade é para o indivíduo as somas das suas percepções, o que serve de suporte no momento terapêutico, pois, poderá ajudar a compreender a natureza do mundo em que o indivíduo vive.

III) “*O organismo reage ao seu campo fenomenal como um todo organizado*” (Rogers, 2003, p. 490).

A característica fundamental da vida orgânica é sua tendência para respostas organizadas e completas relacionado a determinado objetivo. De modo que, o

³ Texto escrito com base no livro Terapia Centrada no Cliente. Cap. XI - Uma Teoria da Personalidade e da Conduta, 485-536. Rogers, C. (2003).

organismo é sistema organizado e qualquer alteração em uma parte pode afetar outra.

IV) *“O organismo tem uma tendência fundamental para: atualizar, manter e realçar a experiência organísmica” (Rogers, 2003, p.492).*

O organismo trabalha para manter seu equilíbrio, possui capacidades de autoconservação, ou seja, o organismo possui uma tendência para conservar a si mesmo, ainda quando um caminho para este fim esteja impedido ele desloca-se em outra direção à maturidade, movendo-se em direção do crescimento, de uma maior independência e/ ou autoresponsabilidade, sempre em autoatualização.

V) *“O comportamento é, sobretudo, o esforço dirigido a um fim do organismo para satisfazer as suas necessidades, tal como as experimenta no campo percebido” (Rogers, 2003, p. 495).*

Todas as necessidades têm uma relação de base com o organismo, já que ele trabalha para manter o equilíbrio, assim, essas necessidades surgem como tensões fisiológicas que, quando experienciadas formam a base do comportamento e, consequentemente esse comportamento reduz a tensão, conservando o organismo e avançando no sentido de atualização. Embora em algumas situações ocorra de forma inconsciente, por exemplo, a fome, manifesta as contrações no estômago, sentidas em um nível infraconsciente, provocando então, um comportamento dirigido para os alimentos ou pode ser simplesmente simbolizada e aprendida ao nível da consciência como fome. Assim, a reação (comportamento) não se dá em face da realidade, e sim da percepção da realidade.

VI) *“A emoção acompanha e, de um modo geral, facilita o comportamento dirigido para um fim; o tipo de emoção relaciona-se com os aspectos pesquisadores do comportamento em oposição aos aspectos consumados; a intensidade da emoção está em relação com o significado percebido do comportamento para a subsistência e evolução do organismo” (Rogers, 2003, p. 497).*

O que caracteriza o comportamento e qual o lugar da emoção? O autor propõe a explicação dividindo a emoções em dois grupos: o primeiro grupo acompanha o esforço de busca do organismo e o segundo grupo acompanha a satisfação da necessidade (experiênciação). Desta forma, o primeiro grupo tem como resultado o comportamento integrado e concentrado na necessidade do

organismo, já, o segundo grupo volta-se para os esforços do indivíduo para realização de suas necessidades. Um exemplo, o medo, acelera o organismo do indivíduo, de modo que reaja no sentido de escapar do perigo, ou seja, emoção acompanha o comportamento tanto no sentir quanto no reagir. Já, a intensidade da emoção varia de acordo com a capacidade perceptiva do indivíduo.

VII) *“O melhor ângulo para a compreensão do comportamento é a partir do quadro de referência interno do próprio indivíduo” (Rogers, 2003, p. 498).*

Somente o próprio indivíduo é quem realmente conhece integralmente seu campo de experiência. Ou seja, o comportamento surge de acordo como o campo é percebido. Assim, para compreender melhor um comportamento é preciso desprender o nosso olhar e concentrar na compreensão de como o outro vê. São dois campos diferentes de experiênciação, e não podemos avaliar a outra pessoa de acordo com a nossa percepção unicamente, é relevante minimamente tentar compreender como o outro vê.

VIII) *“Uma parte do campo total da percepção vai-se diferenciando gradualmente como ‘self’” (Rogers, 2003, p. 501).*

À medida que a criança vai se desenvolvendo, ela vai se distanciando do seu mundo íntimo total reconhecido com ‘Eu ou me’ e a partir daí, então começa a construção mais complexa do self. No entanto, não existe uma linha bem definida entre organismo e ambiente, para que ocorra a experiência do self com o mundo exterior.

IX) *“Como um resultado da interação com o ambiente e, de modo particular, como resultado da interação valorativa com os outros, forma-se a estrutura do self - um modelo conceptual, organizado, fluído, mas consistente de percepções, de características e relações do ‘eu’ ou de ‘mim’, juntamente com valores ligados a esses conceitos” (Rogers, 2003, p. 502).*

X) *“Os valores ligados à experiência e os valores que são uma parte da estrutura do self são, em alguns casos, experimentados diretamente pelo organismo, e noutros casos são valores introjetados ou tomados de outros, mas percebidos de uma forma distorcida, como se fossem experimentados diretamente” (Rogers, 2003, p. 502).*

As proposições IX e X atrelam os assuntos, assim será preferível a discussão em conjunto. Assim, a construção do *self* se dá gradativamente, na medida em que a criança vai interagindo com o ambiente, ela vai formando conceitos sobre si, sobre o ambiente e sobre si em relação ao ambiente. Quando a avaliação do *Self* está sobre a percepção dos outros, podem ocorrer simbolizações distorcidas no campo de experiências da criança e uma rejeição pela consciência, que podem posteriormente causar desadaptações psicológicas. Um *self* construído sobre essas distorções construirá um indivíduo que não irá reconhecer a si mesmo, ou seja, uma simbolização distorcida de si mesmo.

XI) *“À medida que vão ocorrendo experiências na vida de um indivíduo, estas são: a) simbolizadas, percebidas e organizadas numa certa relação com o self; b) ignoradas porque não se percebe a relação com a estrutura do self; c) recusadas à simbolização ou simbolizadas de uma forma distorcida porque a experiência é inconsistente com a estrutura do self”* (Rogers, 2003, p. 507).

Certas experiências existem somente no fundo do campo fenomenal, porém, não são percebidas, são ignoradas pelo *self*, pois não satisfaz as necessidades no momento exigidas pelo *self*, já quando essa necessidade despertar no *self* um interesse ela converte de fundo para forma (em um sentido de explicação da analogia figura e fundo). Grande parte das nossas experiências sensoriais é ignorada pelo *self*, existiram somente no campo das sensações orgânicas e não atingem o nível da simbolização consciente em relação com o ambiente. A simbolização distorcida acontece quando há a experiência orgânica, mas, não há a simbolização consciente dessa experiência, ou seja, inconsciente com o conceito do *self*.

XII) *“A maior parte das formas de comportamento adotadas pelo organismo são aquelas que são consistentes com o conceito de self”* (Rogers, 2003, p. 512).

O organismo luta para satisfazer as suas necessidades no mundo tal como experimenta, assim, a forma de luta deve ser coerente com o conceito de *self*. Já, em casos de neurose, o organismo satisfaz uma necessidade que não é reconhecida pela consciência, pois, não há regulação do comportamento pelo conceito de *self*, ou seja, um comportamento incoerente.

XIII) *“O comportamento pode surgir, em alguns casos, de experiências orgânicas e de necessidades que não foram simbolizadas. Esse comportamento pode ser inconsistente com a estrutura do self, mas nesses casos o comportamento não é ‘apropriado’ pelo indivíduo”* (Rogers, 2003, p. 513).

O *self* não está consciente e não tem domínio sobre as ações que realiza, ou seja, o *self* não tem controle das experiências orgânicas, logo o comportamento não faz parte do *self*, pois, são inconscientes com o conceito do *self*.

XIV) *“A desadaptação psicológica existe quando o organismo rejeita da consciência experiências sensoriais e viscerais importantes que, por conseguinte, não se simbolizam nem se organizam na ‘gestalt’ da estrutura do self. Quando se verifica esta situação, há uma tensão psicológica de base ou potencial”* (Rogers, 2003, p. 514).

A estrutura do *self* deve estar em coerência com a estrutura do organismo, quando isso não ocorre surgem então às tensões profundas, ou seja, existe uma discrepância entre experiência do organismo e o conceito do *self*, que por vez exerce influência sobre o comportamento. Então, a desadaptação psicológica surge quando o organismo procura satisfazer necessidades que não são coerentes com o *self* consciente, desencadeando no indivíduo essas tensões, que por hora, sente-se ansioso e desorientado quanto a sua orientação de *self* ideal.

XV) *“A adaptação psicológica existe quando o conceito do self é tal, que todas as experiências viscerais e sensoriais do organismo são, ou podem ser, assimiladas de uma forma simbólica, dentro do conceito do self”* (Rogers, 2003, p. 517).

A saúde psicológica existe quando o conceito do *self* está congruente com todas as experiências do organismo.

XVI) *“Qualquer experiência que seja inconsistente com a organização ou estrutura do self pode ser percebida como uma ameaça e, quanto mais numerosas forem essas percepções, mais rigidamente a estrutura do self se organiza de modo a manter-se a si mesma”* (Rogers, 2003, p. 519).

As ameaças ocorrem quando as experiências são percebidas como incongruentes com a estrutura do *self*, o que conseqüentemente gera ansiedades, assim, a defesa seria um comportamento de resposta à ameaça, com o objetivo de manter a estrutura do

self. Desta forma, a defesa provoca uma rejeição ou uma distorção da experiência percebida a fim de, reduzir a incongruência entre a experiência e a estrutura do *self*, de modo que, a consciência de ameaça é reduzida por esse comportamento defensivo, que aumenta a susceptibilidade à ameaça, pois, as percepções repetidas podem distorcer a experiência. Quando a ameaça e a defesa repetem por várias vezes a atenção vai desviando cada vez mais da ameaça original, ocasionando mais experiências distorcidas cada vez mais sensíveis à ameaça, isso ocorre pela necessidade de aceitar a realidade.

XVII) “*Em determinadas condições que impliquem, sobretudo, a ausência total de qualquer ameaça à estrutura do self, podem perceber-se e analisar-se experiências que são inconsistentes com essa estrutura e esta pode ser revista de maneira a assimilar e a incluir tais experiências*” (Rogers, 2003, p. 521).

O conceito de *self* modifica-se tanto em relação ao desenvolvimento normal do indivíduo quanto em terapia. Neste sentido, em terapia pode ser trabalhada a percepção e aceitação do indivíduo de si mesmo, passando assim por um processo de autoaceitação, simbolizando essas experiências rejeitadas de uma forma mais consciente com seu conceito de *self*.

XVIII) “*Quando o indivíduo apreende e aceita, num sistema coerente e integrado, todas as suas experiências viscerais e sensoriais, necessariamente compreende melhor os outros e aceita-os melhor como pessoas distintas*” (Rogers, 2003, p. 523).

Esse processo é perceptível em consultório, durante a evolução terapêutica, pois uma pessoa que conclui um processo terapêutico certamente sentirá mais confiante para assumir ser ela própria, com mais segurança em relação ao seu *self* e saberá diferenciar suas características e consequentemente respeitar as outras pessoas com características diferentes das suas, assim, a terapia que auxilia no processo de reorganização do conceito do *self*.

XIX) “*À medida que o indivíduo percebe e aceita na estrutura do self, um maior número de experiências orgânicas, descobre que está a substituir o seu atual sistema de valores – baseado*

em larga medida em introjeções que foram simbolizadas de uma forma distorcida – por um processo contínuo de valorização orgânica” (Rogers, 2003, p. 526).

O processo terapêutico auxilia o indivíduo a explorar o seu campo fenomenal, uma oportunidade para analisar seus valores introjetados de forma distorcida, podendo assim modificá-los simbolizando de acordo com sua percepção do seu conceito do *self* real e/ou desejado. Evidentemente, esse processo de autoatualização do organismo é contínuo, pois, o ser humano está sempre em constantes mudanças e evolução.

Desenvolvimento Psico-Afetivo: Implicações Psicopatológicas (João Hipólito)⁴

O respectivo capítulo refere sobre a teoria do desenvolvimento humano sob o olhar da Abordagem Centrada na Pessoa e de que forma contribui para a compreensão das perturbações psicológicas. Para Rogers, o conceito-chave que sustenta a Abordagem Centrada na Pessoa é a ‘Tendência Formativa, que é manifesta logo no início da formação do ser humano, e ao longo da vida vai se atualizando, ou seja, o indivíduo vai tornando-se pessoa. Esses pressupostos de Rogers têm por base a teoria organísmica (Goldstein, 1939) que sustenta a ideia de que um organismo é governado pela tendência para atualizar a si mesmo. Assim, o homem como ser integrante do universo e possível de comparar com outros seres vivos, possui capacidades específicas que lhe permite atualizar-se (Hipólito, 2011).

Rogers ainda utiliza das bases teóricas de Maslow (1954) que refere a tendência à auto-realização, ou seja, o ser humano possui uma tendência à auto-realização que se revela durante todo o desenvolvimento psico-afetivo, assim, é dito como desenvolvimento sadio e/ou normal, aquele que funciona de acordo com sua natureza cumprindo todas suas potencialidades até desenvolver a maturidade. Desta forma, pode-se resumir este pensamento de Rogers da seguinte forma: um organismo em sua singularidade inicial possui uma tendência formativa (tendência à complexidade), ao logo do seu desenvolvimento vai adquirindo capacidades à tendência atualizante (tendência à hiper complexidade) e seguem em busca da tendência à

⁴ Texto escrito com base no livro - Auto-organização e Complexidade: Evolução e Desenvolvimento do Pensamento Rogeriano. Cap. XII - Desenvolvimento

Psico-Afetivo - Implicações Psicopatológicas, 47-62. Hipólito, J. (2011).

auto-realização (tendência hiper hiper complexidade) (Hipólito, 2011).

Para que ocorra todo esse processo o autor João Hipólito propõe à seguinte explicação mais detalhada, referindo então, que a tendência atualizante inicia-se na *célula primordial*, que contém todas as informações necessárias para o desenvolvimento de suas potencialidades tanto as herdadas geneticamente quanto às físicas e psíquicas. Para que essa célula (embrião) se desenvolva de forma ‘saúdável’ é preciso condições favoráveis tanto de ordem biológica quanto psicológica (Hipólito, 2011).

Existe uma vulnerabilidade durante o desenvolvimento embrionário, ou seja, está sujeito a ‘traumas’ (de várias origens, orgânicas e/ou psíquicas) tanto nas suas potencialidades quanto nas suas atualizações, que consequentemente pode diminuir as potencialidades. Ainda assim, o desenvolvimento continua, pois o embrião é autônomo, não depende de regulação externa, ele é gestor de sua complexificação até o momento do nascimento, ou seja, possui um *locus* interno de controle. E, é durante o decorrer do período de gestação que acontece a maturação do sistema neurológico, o que possibilita o desenvolvimento do *self embrionário*, ou seja, começam a surgir as primeiras experiências sensoriais (Hipólito, 2011).

Portanto, quando o bebê nasce, o processo de hipercomplexificação é contínuo, porém, de maneira perceptível, assim, as capacidades físicas e psicológicas desenvolvem concomitantemente e progressivamente o bebê vai percebendo as fronteiras do *self* orgânico e passa a reconhecer e experienciar o mundo exterior. E, paralelo ao esse desenvolvimento, acontece à percepção do Outro significativo (mãe) e o não-significativo (outros), isso acontece por volta dos 08 meses de idade, designado por ‘condições de valor’. É neste processo que o bebê torna-se consciente da necessidade e dependência do amor do Outro (mãe) e sem esse amor não consegue sobreviver e para não perder esse amor, o bebê aprende que suas percepções precisam estar modeladas de acordo com as aceitação da mãe, assim, exige uma manutenção das condições de valores (Hipólito, 2011).

Deste modo, essa condição de valor gera no bebê uma dissociação entre a experiência (o que ele sente) e o que vai simbolizar (no seu campo perceptivo), esses movimentos dissociativos manifestam tanto entre o *locus* de controle interno (experiência interna da criança), quanto no *locus* de controle externo (decisões tomadas pela mãe), ou seja, os movimentos dissociativos entre o *self* orgânico e o *self* real, e/ou também podem ser referenciados como *self* percebido e *self* ideal ou desejado.

Sempre que ocorre essa dissociação entre os *self's* (percebido e o desejado) gera uma tensão entre os dois ‘pólos’ e se o organismo não consegue equilibrar essa tensão desenvolve então os sintomas (dissociação das cognições e emoções), ou seja, uma ‘menor estima de si’, de forma que a pessoa não consegue perceber ou exprimir suas emoções e sentimentos, surge então, como possível sintoma a ‘alexitimia’ quer no nível da percepção ou no nível da expressão (Hipólito, 2011).

Já, por volta do ano e meio de vida da criança, surge uma percepção distinta entre o ‘Eu’ e o ‘me’, ainda nesta fase a criança se refere como o ‘bebê’, somente por volta dos quatro aos oito anos que a criança adquire a capacidade de discriminação entre ‘real’ e o ‘imaginário’. Um desenvolvimento saúdável é considerado aquele com condições de otimização máximas de atualizações em todas as áreas biopsicosociais. Entretanto, os traumas são constantes durante o ciclo de vida, nos campos biológico, psicológico e social, e, consequentemente surgem os traumatismos e os sintomas (sintomas neuróticos e/ou somáticos), com isso, coloca em causa a discriminação entre o real e o imaginário, quando isso ocorre denomina-se psicose (sintomas provocados pelos traumas) (Hipólito, 2011).

A perda da discriminação do real/imaginário pode desenvolver uma perda da capacidade de relação, que por vez, pode manifestar em situações de ordem físicas (exp. coma) ou psicológicas (exp. autismo ou a catatonia), passando para um estágio de vida vegetativa (sem vida psicológica e degeneração biológica). Analisando a possibilidade de haver um ser humano com um desenvolvimento pleno (com uma atualização máxima de suas potencialidades), estaríamos então, perante uma pessoa plenamente funcionante (aquela em que o *self* orgânico seria idêntico ao *self* real e ao *self* ideal), ou seja, um funcionamento pleno e integrado sem traumas e sintomas, e assim, seria possível aproximar do tempo teórico possível do funcionamento do organismo humano. Então, a morte marca o fim deste processo, marcando o início de um novo ciclo, dando lugar a um novo nascimento (Hipólito, 2011).

Considerações Finais

No capítulo apresentado por Carl Rogers, vale ressaltar que a proposta foi apresentar uma reflexão interpretativa de todas as proposições apresentadas pelo autor, percorrendo de forma sucinta cada uma delas, na perspectiva de compreender os pressupostos da teoria da personalidade e do comportamento na vertente da Abordagem Centrada no Cliente.

Desta forma, foi possível compreender os conceitos fenomenológicos da abordagem, bem como, perceber como se dá o desenvolvimento da personalidade durante a estruturação do indivíduo na sua construção pessoal e adaptação ao meio, bem como, procede-se o processo terapêutico quando há necessidade de modificações no conceito do self.

Já, no capítulo apresentado pelo autor João Hipólito, o autor esquematiza o percurso evolutivo da teoria do desenvolvimento humano, sobre o olhar da Abordagem Centrada na Pessoa desenvolvida pelo teórico Carl Rogers, clarificando sua teoria da personalidade para uma melhor compreensão das psicopatologias. A organização do conteúdo e a forma como exemplificou nos esquemas facilitaram a compreensão de uma forma muito bem elaborada e rica em detalhes. Assim, a leitura final do esquema

apresenta um resumo completo da teoria exemplificado no passo a passo, um norte riquíssimo na compreensão do conteúdo.

Em suma, o objetivo almejado neste artigo foi o de aprofundar nas linhas de pensamento dos autores e correlacionar às informações na intenção de formular novas percepções da teoria da personalidade no âmbito da Abordagem Centrada no Cliente. Vale ressaltar, a importância dos contributos de cada autor, pois, se hoje existe uma abordagem de tamanha influência foi graças aos contributos e empenho de cada um.

No mais, cabe propor a continuidade de novas pesquisas, reflexões, debates etc. relacionados ao tema, pois certamente abrirá novos campos de debates científicos, agregando cada vez mais as ciências voltadas à Psicologia.

Referências

American Psychological Association. (2006). Manual de estilo da APA: Regras básicas. Porto Alegre: Artmed.

Associação Portuguesa De Psicoterapia Centrada Na Pessoa e Counselling. (2019). Ordem dos Psicólogos Portugueses.

https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/associaa_aao_portuguesa_de_psicoterapia_centra_da_na_pessoa_e_counselling.pdf.

Hipólito, J. (2011). A auto-organização e complexidade: evolução e desenvolvimento rogeriano. Lisboa: EDIUAL. http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/4108/1/auto-organizacao_FINAL.pdf.

Rogers, C. R. (2003). Terapia centrada no cliente. Edual-Editora da Universidade Autónoma de Lisboa. <http://repositorio.ual.pt/handle/11144/3245>.

Ciência Vitae – Curriculum Vite, João Hipólito (2019). <https://www.cienciavitae.pt/1516-F920-7DC8>.

Portal São Francisco. www.portalsaofrancisco.com.br. Fetched: 2019-11-07T18:11:00 <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biografias/carl-rogers>.

Eliane Gusmão Ribeiro

Bacharel em Psicologia e Pós-Graduada em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela FAROL - Faculdade de Rolim de Moura/RO, Brasil

E-mail: psicologaelianegusmao@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0001-77688411>

Tito Laneiro

Doutorado em Psicologia Organizacional pela Universidade do Algarve, Master em Counselling pela UAL- Universidade Autónoma de Lisboa, Licenciado em Psicologia Social e das Organizações pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Docente e Coordenador Científico da Licenciatura em Psicologia na UAL, Membro eleito do Conselho Científico e Investigador integrado do Centro de Investigação em Psicologia CIP/UAL- Universidade Autónoma de Lisboa.

E-mail: tlaneiro@autonoma.pt

 <http://orcid.org/0000-0002-6144-8103>

Recebido em: 13/08/2020

Aceito em: 23/10/2020